

ASPECTOS CULTURAIS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASILEIRO
Subsecretário de Cultura
Escritor
Professor Universitário

Dar significado à palavra cultura não é fácil. Dentre as incontáveis definições optamos pela de Resenthal que nos diz:

"...ser o conjunto de valores materiais e espirituais criados pela humanidade no decurso da história".

É uma definição bastante simples mas abrangente porque envolve múltiplos aspectos da cultura. Não apenas seu vínculo com as atividades artísticas mas também como vivência de valores subjacentes a todo contingente social, a toda condição humana.

Ao destacarmos um período histórico é necessário enfocar antecedentes culturais que visam a esclarecer, justificar e mesmo ampliar um melhor entendimento de um fato, de uma situação, de todo um contexto. Eis a razão porque procuramos buscar — nesta breve exposição que visa especificamente a literatura — tangenciar propostas que propiciem novas dimensões e perspectivas. Principalmente, aspectos de ordem político e educacional: dois principais fatores que contribuíram para o atraso cultural no Rio Grande até as primeiras décadas do século XIX. E, naturalmente, se projetam em nossa inexpressiva, ou mesmo inexistente manifestação literária no referido período. Já Gonçalves Chaves destaca como causa deste "atraso cultural" no Rio Grande do Sul no século XVIII e início do século XIX, principalmente a falta de escolas de primeiras letras. De fato, até 1820 tínhamos apenas uma escola de latim — que funcionava em Porto Alegre — e em 1821 abriu-se uma escola de filosofia racional, mais duas de latim, respectivamente — em Rio Grande e Rio Pardo. Entretanto, paradoxalmente, destacamos que visitantes franceses referem-se a alguns estancieiros que embora não fossem bacharéis, eram letrados e mesmo sabiam falar corretamente o francês. Seguramente esse fato constituía uma exceção, como era exceção em nosso meio, os militares portugueses que tinham, na maioria das vezes, uma formação superior. Enfatizamos que também os sacerdotes, junto aos estancieiros e militares, formavam uma elite em nossa realidade social onde grassava o mais generalizado analfabetismo.

Não havia um ensino difundido nem mesmo estimulado pelo poder público. E as pessoas que possuíam qualificação para exercê-lo não eram seduzidas devido a remuneração de cem mil réis, quando na época, precisava-se de quatrocentos mil réis para sobreviver. Há documentos e relatos de professores referentes ao assunto. Tinham de deixar a profissão dada a pouca remuneração. O problema salarial do magistério é, realmente antigo e histórico...

[Cito o exemplo de meu bisavô que era professor de primeiras letras do Arsenal de Guerra, que funcionava num prédio ainda existente na Rua da Praia. Numa carta, datada de 1872, relata que: infelizmente ainda está dando aulas por "amor as letras" — expressão por ele usada — porque não podia sobreviver com o que ganhava].

Éra evidente o descaso dos portugueses em propiciar a colônia meios de absorver o saber (fora dos bancos — quase sempre suspeitos — da Universidade de Coimbra).

Num plano comparativo fica bem claro o ostensivo descaso da Corte de Portugal pelo ensino em terras do Brasil.

— A Universidade de São Domingos, da América Central, foi fundada em 1538;
— a Universidade do México, em 1775, enquanto a primeira Universidade fundada no Brasil, em São Paulo, só aconteceu na segunda década do século XIX.

É dispensável quaisquer considerações.

Outro fator, citado por Gonçalves Chaves, gerador de nossa indigência cultural era a pouca idade da província. Observa-se que quando Silva Paes chegou no Rio Grande, em 1787, o Mosteiro de São Bento, na Bahia, já tinha quase 200 anos. E nós ainda começávamos todo um processo de integração ao território brasileiro. Eis uma questão de incontestável validade para um questionamento de ordem cultural, em suas mais diversificadas manifestações. Mesmo quando com ufanismo nos reportamos a cultura gaúcha, embasada em manifestações prioritariamente populares, se faz necessária maior lucidez e reflexão se pretendemos fixar e valorizar nossas autênticas expressões de cultura.

Outro importante fator que impediu um pleno desenvolvimento cultural no Rio Grande em adequação as demais províncias, ficou expresso pelo Padre Manuel da Nóbrega:

"de tantos portugueses que de lá vieram, nenhum tem amor a esta terra, todos querem tirar proveito ainda que seja a custo da terra, porque esperam em se ir".

Observa-se o interesse exploratório e não a disponibilidade de permanência. Vinham "de passagem" com a única preocupação de tornarem-se ricos.

(De novo cito exemplo de familiares. O pai de minha bisavó tinha uma casa de comércio em ponto central de Porto Alegre. Veio para cá, enriqueceu, e retornou à Portugal, onde morreu. Ficaram seus descendentes...)

Tudo o que até aqui foi dito fixa uma disposição deliberada dos portugueses de impedir o florescimento da educação e da cultura nativa, e por extensão, uma determinação castradora em tudo que contribuisse para sedimentar a formação de nossa identidade cultural.

Nesse contexto quando se torna gritante o jugo e a opressão do colonizador em amordaçar as vozes e bitolar o pensamento crítico;

— quando o analfabetismo era quase uma imposição decretada por barreiras e muros de dificuldades e empecilhos;

— quando nossa província, campo de guerras, muitas guerras, também de adversidades, equívocos e, principalmente, joguete de uma Corte contaminada por incongruências e radicalismos é que acontece a Revolução Farroupilha.

Vamos, a seguir, tangenciar certos aspectos informativos, que reputamos importantes, durante o período farroupilha.

A Música

Havia os tradicionais saraus — de caráter essencialmente familiar. Também os ofícios e festas religiosas nos quais a música era imprescindível.

Após a Revolução foi quando iniciou-se as apresentações musicais endereçadas ao público.

O Maestro Madanha foi a principal personalidade musical do século passado. Estimulou com entusiasmo e de maneira extraordinária o ensino da música.

Sabe-se que os grandes estancieiros mantinham bandas cujos instrumentistas, em sua totalidade, eram índios fugidos das Missões. Bento Gonçalves, em sua estância, possuía uma dessas bandas.

O Teatro

Na época, nosso único teatro estava completamente abandonado e servia como estrebaria. O Theatro São Pedro estava nos alicerces e só teve sua inauguração após a Revolução.

Peças teatrais eram só representadas em caráter amador, em ambiente familiar. E mesmo no amadorismo havia uma ostensiva discriminação relativa a participação de mulheres — pois só lhes era permitido declamar ou cantar. Cabia aos homens representar. E em papéis femininos, se travestir para desempenhá-los.

A Imprensa

Foi a forma mais atuante de manifestação cultural durante o período farroupilha. Mesmo sem apresentar uma preocupação de sentido literário não podemos ignorar seu poder de irradiação e de abrangência. Foi uma imprensa de cunho, notoriamente, político.

Os Gabinetes de Leitura

"Gabinetes de Leitura" era a denominação portuguesa para a biblioteca, e temos notícia de um, particularmente famoso, por ser o ponto de reunião de políticos. Pertencia ao jornal republicano "O Continente".

Dentre as bibliotecas particulares citamos a de Domingos José de Almeida, em grande parte ainda preservada, principalmente sua coleção de documentos.

O Cancioneiro Popular

O cancionário foi uma das mais expressivas contribuições de cultura popular durante e mesmo após a Revolução.

Apolinário Porto Alegre, em sua obra "Cancioneiro da Revolução Farroupilha" registrou parte do importante acervo do qual transcrevemos algumas. As duas primeiras manifestam apreço ao principal líder revolucionário e as demais caracterizam o ufanismo do movimento em questão.

"Bento Gonçalves da Silva
Da liberdade é o guia,
É herói porque detesta
A infâmia e a tirania".

"O General Bento Gonçalves
Que de nada se teme,
Ainda estando numa ilha
Corajoso combateu".

"Não hão de os vis galegos
Nossa pátria dominar,
Somos livres rio-grandenses,
Sempre havemos de triunfar".

"Contra a pátria tais perversos
Tentaram mil maravilhas,
Mas tudo desaparece
Ao brilho dos "farroupilhas".

"Os livres jamais vacilam
Nos que lhe cumpre fazer,
Têm constância cumpre fazer,
Têm constância, têm firmeza,
Não receiam de morrer".

São quadrinhas ingênuas e mesmo piegas mas sua validade e permanência reside em sua intrínseca simplicidade temática e formal. Destacamos uma — relativa à mulher farroupilha — como curiosidade.

(para que se entenda melhor a quadrinha esclarecemos que os imperiais eram alvo de inúmeros objetivos, dentre eles de "camelos").

"Esta aqui que vos fala é constante liberal
Oprimida, perseguida pela corja galega,
Mais vale uma farroupilha que tenha uma saia só
Do que duas mil camelas envoltas de ouro em pó".

A literatura

É a literatura — dentre os diversos campos da cultura — a nossa proposta maior neste trabalho relacionado a Revolução Farroupilha. E vamos propor certas convenções:

1º — Romances de inspiração farroupilha — sec. XIX e sec. XX; e

2º — outras obras que tratam, circunstancialmente, do fenômeno revolucionário e também àquelas que se classificam noutro gênero literário, qual seja, o conto.

Obs.: Não anolamos, no presente trabalho, obras de poesia, de crônica, de ensaio (social, político, filosófico), e outras.

1º Dentre os romances, temos a citar:

a) "O CORSÁRIO" de José Antônio de Caldre Fião

O autor, nascido em 1821 e morto em 1876, apesar de ter utilizado uma linguagem ultrapassada num estilo sem originalidade nem força expressiva, foi recentemente reeditado. Cabe-lhe o mérito de ter sido o primeiro a utilizar a temática da Revolução seis anos após seu término, em 1851.

b) "UM FARRAPO NÃO SE RENDE" de Alberto Coelho da Cunha

Publicado nos anos de 1874 e 1875 na revista "Partenon Literário" com o pseudônimo de Vitor Galpire. Utiliza uma linguagem mais corrente e apresenta um estilo ágil e dinâmico.

c) "OS FARRAPOS" de Luiz Alves de Oliveira Melo

Romance de reconhecido mérito conquistou e ainda conquista a maior receptividade. Oliveira Melo com seu estilo sonoro e expressivo faz jus a celebridade de sua obra, publicada em 1877.

d) "FARRAPO — A HISTÓRIA DE UM CAVALO" de Felix C. Rodrigues

Teve uma edição comemorativa ao Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935.

O autor apresenta a originalidade de utilizar uma narrativa na primeira pessoa do singular, na qual é contada a história da Revolução, por sua personagem principal — um cavaleiro chamado Farrapo. Resulta numa obra pitoresca e fluente.

e) "BRAVA GENTE" de Lothar Hessel

Romance de real mérito. Seu autor, além de suas qualidades como romancista, é historiador e pesquisador de teatro.

f) "A PROLE DO CORVO" de Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva

A obra é de minha autoria. Sua citação é apenas por uma questão de arrolamento científico. Não vou me deter em seus méritos. Apenas friso a data de sua publicação — 1978.

g) "OS VARÕES ASSINALADOS" de Tabajara Ruas

Foi publicada, em forma de folhetim, no jornal Zero Hora, em 1985, ano do Sesquicentenário Farroupilha. Será, oportunamente, reunida em livro pela editora LPM.

2º — Outras obras à destacar:

— "A TOLDA" de José Bernardino dos Santos, que corresponde a um capítulo de certa novela publicada em 1870, na revista "Borbulhos do Guaíba";

— os livros "O VAQUEANO" e "PAISAGENS" ambos de Apolinário Porto Alegre, nos quais se encontram contos que apresentam temática Farroupilha. "O VAQUEANO" foi publicado em 1852 e "PAISAGENS" em 1875;

— em "RUINAS VIVAS" de Alcides Maya, de 1910, sucede o mesmo;

— o famoso conto "DUELO DE FARRAPOS" de Simões Lopes Netto, está inserido em seu livro "Contos Gauchescos", publicado em 1912;

— no livro "TERRA GAÚCHA" de Roque Callage, de 1914 e

— no ROMANCE ANTIGO de Darci Azambuja, de 1940, há passagens referentes a Revolução;

— "UM CERTO CAPITÃO RODRIGO" — famosa parte da extensa e grandiosa obra "O Tempo e o Vento" de Érico Veríssimo. Nela existe toda uma reconstrução física e psicológica dos tempos farroupilhas;

— em "TEMPO DE GUERRA" de Josué Guimarães, de 1975, e

— em "ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES" de Moacyr Scliar, publicada em 1983, há passagens de grande expressividade que também enfocam a Revolução.

Pretendemos, neste arrolar de obras (algumas famosas e de raro valor literário) comprovar o quanto a Revolução deixou em nosso substrato cultural. São raízes — de nosso passado épico — que nos moldaram toda uma estrutura física, psicológica e emocional.

Apesar de contínuas guerras, de uma colonização ambivalente, das mazelas de uma educação deficitária, de uma política econômica desguaritada, apesar de relegados e tantas vezes por impérios e repúblicas, apesar de estarmos — por contingência geográfica no extremo sul desse Brasil que, embora preserve a unidade política quase se desconhece, devido a extensão, conseguimos nos impor culturalmente.

Nossa formação histórica, as vezes caótica, sofreu toda a sorte de carências. Nossos valores éticos e estéticos também foram conquistados a força do equilíbrio e moderação, de histórias e derrotas — tanto quanto a demarcação de nossas fronteiras.

E, como arremate de nossa palestra declaramos que a Revolução Farroupilha não é um marco que conste nos compêndios da literatura sul-rio-grandense, mas talvez tenha sido um marco para a conscientização de nossos próprios limites. Individuais e coletivos. Regionais e nacionais. E ela nos revelou e fez eclodir uma espécie de consciência atávica que nos emprestou e ainda nos empresta uma rara e peculiar singularidade. E hoje, quando o Brasil inteiro nos reconhece como um dos pólos mais expressivos no País ficamos a nos questionar o quanto nos ficou de dívida e de saldo para com esta Revolução que, inegavelmente, contribuiu para nosso amadurecimento e identidade cultural.